

**AS EXPRESSÕES DA VIOLÊNCIA INTERPESSOAL NO CONTEXTO
ESCOLAR: Um Estudo com alunos do quinto ano da Escola de Ensino Fundamental
João Matias no município de Araranguá¹**

Maria Regina Leitão Batista²

Resumo: Este trabalho buscou identificar como se expressa a violência interpessoal entre alunos do quinto ano da Escola de Ensino Fundamental João Matias, no município de Araranguá, Santa Catarina, considerando que a temática é alvo de muita preocupação dentro do ambiente escolar da atualidade. Os alunos apresentam comportamento e atitudes agressivas ferindo tanto a integridade física, quanto psicológica de alunos e professores, com registros históricos já da década de 1950 nos Estados Unidos da América. Os primeiros estudos brasileiros surgiram na década de 1970, quando se procurava explicações para o crescimento de violência e crimes, que modificava de foco na década de 1980, enfatizado contra o patrimônio, especialmente por depredações e pichações. Na década de 1990, emergiam as agressões interpessoais, principalmente entre alunos, quando evidências indicavam que grande parte dos comportamentos indisciplinados e agressivos estariam relacionados a questões familiares e ambientais, num contexto diversificado de trocas interpessoais, cujas referências de educação, valores e hábitos se confrontam continuamente, ficando muito expressivo na atualidade no ambiente escolar.

Palavras-chave: Violência. Escola. Família.

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo emergiu da necessidade de suscitar reflexão acerca da violência interpessoal tão presente atualmente dentro e fora das salas de aula. A escola, espaço onde se consolidam as interações sociais, vem se apresentando como palco de situações conflituosas e demonstrações de ações consideradas violentas.

Esta pesquisa trata de objetivos relevantes:

Analisar o cotidiano da Escola de Ensino Fundamental João Matias, do município de Araranguá, para estimar as causas que envolvem a violência interpessoal entre os alunos do quinto ano do ensino fundamental;

Identificar as causas da violência escolar;

Promover reflexões sobre as expressões da violência interpessoal no contexto escolar.

¹ Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso da Pós Graduação em Educação e Direitos Humanos: Escola, violências e garantia de direitos, da Universidade do Sul de Santa Catarina, orientadora mestre Elivete C. de Andrade e coorientadora Maria Salette Cavaler Garcia. sacavaler@hotmail.com

² Acadêmica Maria Regina Leitão Batista do curso da Pós Graduação em Educação e Direitos Humanos: Escola, violências e garantia de direitos, da Universidade do Sul de Santa Catarina.

Tais objetivos são provenientes da seguinte questão norteadora: Estimar as possíveis variáveis que implicam na produção do comportamento agressivo.

Trata-se de um estudo exploratório que utilizou uma amostra de 24 alunos do quinto ano do ensino fundamental, da Escola de Ensino Fundamental João Matias da cidade de Araranguá do Estado de Santa Catarina, a faixa etária do universo pesquisado é entre 11 a 15 anos, sendo 10 alunos do sexo masculino e 14 do sexo feminino.

Os sujeitos foram reunidos em uma única sala e o instrumento utilizado foi um questionário com 10 questões abertas e fechadas.

A taxa de resposta obtida foi de 100% para a presença da violência no ambiente escolar.

Os aspectos de maior relevância que comprometem e sustentam a violência interpessoal, apontada pelo universo pesquisado, é o *bullying*, pontuaram também que a violência se manifesta mais entre os alunos do sexo masculino, e que se inicia por volta dos 12 anos.

Ao nascer, a criança entra num cenário cuja construção não participou. Esse cenário é o mundo social, cujo o primeiro momento vivenciado é na família, logo após irá pertencer a um grupo social. Esta preparação que ocorre no interior dos grupos é a socialização.

Para Lapassade (1977) a socialização é o processo de internalização do mundo social, com suas normas, valores, é o processo de constituição de uma realidade subjetiva, que se forma a partir das primeiras relações do indivíduo com o mundo social.

Para o mesmo autor, a socialização se dá em níveis de:

- Socialização primária: família, creches, abrigos.
- Socialização secundária: essa socialização irá ocorrer na escola, no grupo de amigos (que na adolescência, assume importância como grupo de referência para o comportamento, hábitos, valores e o sustenta no seu enfrentamento com o adulto) e, mais tarde, no grupo de trabalho e em outros grupos de vivência e participação.

Analisar o fenômeno da violência torna-se muito complexo, não apenas porque é um fenômeno multifacetado, mas, principalmente, porque nos faz refletir sobre nós mesmos, sobre nossos pensamentos, nossos sentimentos, nossas atitudes. Igualmente, não é nada simples identificar a violência, pois cada um tem uma concepção e percepção para si,

a partir de diferentes perspectivas. Muitas vezes a violência pode ser confundida com agressão e indisciplina.

Conforme Polato (2007), atualmente vive-se um período de crise da educação, onde o papel da escola não está mais claro, sua finalidade não é somente ensinar conteúdos educacionais tradicionais. O espaço escolar vai, além disso, tornando-se um espaço de interação. É um lugar onde crianças e adolescentes aprendem a se relacionar, adquirem valores e crenças, desenvolvem senso crítico, autoestima e segurança, e na maioria das vezes, a escola também assume o compromisso de “dar educação”, papel este que deveria ser da família. A escola passou assim a assumir os mais diversos papéis, ficando muito difícil conduzir com excelência todas as dificuldades latentes.

Esta crise na educação é reflexo de muitos fatores, dentre eles as recombinações familiares, o desemprego, problemas sociais, o tráfico de drogas, roubos, tiroteios, más-condições de moradia, etc. Segundo Ruotti (2007, apud POLATO, 2007), a violência tem muitas causas e existe tanto na escola pública quanto na privada. Na pública existe precarização de recursos físicos e humanos e na privada a educação tem se transformado e até se mercantilizado, ou seja, não é mais a autoridade pelo conhecimento, mas sim pelo que é adquirido e vendido. O autor ainda alerta que o desrespeito entre os alunos ou entre alunos e professores é um fator muito grave, sendo que, muitas vezes, esses casos são considerados normais ou nem são reconhecidos. Na sociedade contemporânea a violência nas escolas constitui um problema social grave e complexo, sendo provavelmente a maneira mais frequente e perceptível da violência juvenil (NETO apud RAMBOW, 2005, p. 2921).

A Organização Mundial de Saúde (OMS), declarou que, dada a magnitude de sua ocorrência e a extensão de suas consequências, a violência passou a ser considerada como um problema de saúde pública e que, por isso todos os países devem considerar a prevenção primária da violência como prioridade. (OMS, 2002, p.33).

2 A VIOLÊNCIA NO CONTEXTO ESCOLAR

É no universo escolar onde a socialização, a promoção de atitudes, opiniões e o desenvolvimento pessoal da criança propriamente dito começará a construir o processo histórico que determinará, somado a múltiplos outros fatores, a vivência positiva ou não da vida de cada um. A escola é então, um lugar que permite as experiências socializantes e de aprendizagem com questões que envolvem crianças e adolescentes, pais e filhos, educadores e educandos, e suas relações que se dão na sociedade.

Junto com as propostas pedagógicas de aprendizagem, a escola tem revelado uma violência manifesta em todos os lugares. A violência, dentre as concepções que a

literatura indica, pode ser entendida como uma afirmação de poder sobre o outro; a conquista desse poder é o que geraria as diversas formas de agressividade e violência.

Certamente, as ocorrências de violência tão expostas na mídia continuamente são consequências das mazelas sociais cotidianas que incluem o preconceito, crises de identidade familiar, dentre outros, mas, que afetam o ambiente escolar especialmente.

Nunes e Abramovay (2003), ao pesquisarem o tema violência entre crianças com reflexões diretamente no ambiente escolar, enumeram alguns aspectos explicativos ou associativos da violência interpessoal no âmbito escolar, levando em consideração diversas variáveis:

1. Gênero - meninos se envolvem mais em situação de violência, seja como vítimas ou autores;
2. Idade - o comportamento agressivo é associado ao ciclo etário;
3. Etnia-resistência dos alunos de minoria étnicas ao tratamento discriminatório por parte de colegas e professores;
4. Família- alvo de controvérsia, especialmente pelas características sociais das famílias violentas;
5. Ambiente externo-comunidades com sinais de abandono ou decadência estão mais vulneráveis a violência;
6. Insatisfação/frustração com as instituições e a gestão pública – falta de equipamentos/e recursos didáticos e humanos, além da baixa qualidade de ensino;
7. Exclusão social-restrições a incorporação de parte da população a comunidade política e social;
8. Exercício do poder - desestímulo e discriminações contribuindo para desrespeitar os direitos humanos dos alunos a proteção.

A Unicef em 2003/2004 divulgou através do Sistemas de Notificação e Detecção da Violência em Escolas Públicas – UNICEF/Instituto Sedes Sapientiae dados surpreendentes considerando os fatores e as questões relacionadas diretamente as variáveis acima. Várias outras pesquisas no Brasil têm buscado o mapeamento desse fenômeno, assim como as causas e os efeitos sobre os alunos, os professores e o corpo administrativo e técnico das instituições de ensino. Segundo Maria Salete de Silva, coordenadora da pesquisa, embora sejam estudos ainda incipientes, por focarem, em sua maioria, situações regionais ou localizadas, os resultados obtidos apontam os principais tipos de violência. (UNICEF, 2009)

Falar de violência remete naturalmente à palavra agressividade que tem origem no termo latino *agredere*, e significa marchar em direção a. O objetivo principal é o desejo de magoar ou ferir física ou psicologicamente, mas, por vezes, pode estar subjacente a vontade de sobressair, de exercer controle e domínio (RAMIREZ, 2001).

O estudo sobre a origem da violência é um tema complexo; desperta alguma discussão e polêmica entre os investigadores. Conquanto, a questão maior é saber se a agressividade é inata ou se é resultado de aprendizagem. E desde o século XIX, os psicólogos tem uma preocupação com a agressividade, considerando-a própria do instinto. No século XX foi considerado um impulso nato, e passou a ser considerada na atualidade como resultado de aprendizagem.

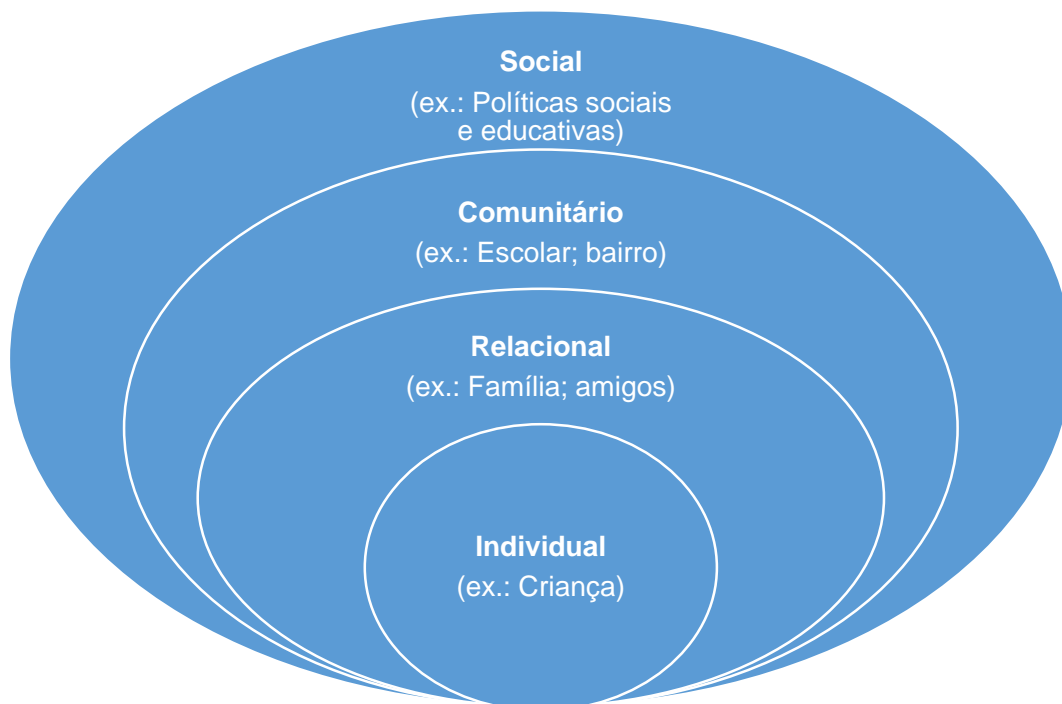
A escola é um agente socializador, e indicada nos estudos de José Luiz Cabaço (1992) como fator desencadeador da agressividade, e da violência. Iniciando a vida escolar, na qual vai passar grande parte do seu tempo, a criança experimenta uma nova etapa de sua vida marcada pela responsabilidade (por regras, exigências, desempenho e resultados). Essa fase fundamentada nas fases de desenvolvimento da criança, segundo as teorias de psicologia infantil, exige um preparo emocional; pode desenvolver-se muito bem, mas também pode revoltar-se e desencadear condutas que se revestem de agressividade e negação face a escola. Cabaço ainda afirma que a falta de organização dos espaços e dos materiais que a escola oferece, especialmente ao nível de áreas de lazer e recreio, que é a área de suas pesquisas, pode desencadear comportamentos agressivos (CABAÇO, 1992).

O conjunto de atitudes, regras, gestão da política implementada pela escola, segundo Pereira (2002), reforçarão o desenvolvimento, ou não, da agressividade aumentando a violência entre os alunos, já que um número relativamente elevado de pessoas num espaço limitado, aliado a uma capacidade reduzida de evitar confrontações e a imposição de rotinas comportamentais geradoras de sentimentos muitas vezes de fúria, podem facilitar o desenvolvimento de atos violentos.

Além disso, a Organização Mundial da Saúde (OMS), num relatório datado do ano de 2002, declarou que, dada a magnitude da sua ocorrência e a extensão de suas consequências, a violência deve ser encarada como um problema grave de saúde pública e que, por isso, todos os países devem considerar a prevenção primária da violência uma prioridade. Nesse sentido, o referido relatório, após apontar números alarmantes, termina com nove recomendações, das quais se destaca a sexta: “A prevenção primária da violência

deve ser integrada nas políticas educativas e sociais, assim como a promoção da igualdade de gênero” (OMS, 2002, p.33).

Tabela 1 – Modelo ecológico para compreender a violência.



Fonte: Adaptado da OMS, p. 9.

O modelo ecológico apresentado ilustra e propõe a análise dos fatores de risco de se praticar ou ser vítima de violência, em quatro níveis distintos (OMS, 2002, p.9), considerando que as relações humanas interagem entre si em todas as dimensões que passam do indivíduo ao coletivo.

O primeiro nível do modelo ecológico (individual) identifica os fatores de história pessoal que influenciam a probabilidade do indivíduo de se tornar uma vítima ou um perpetrador da violência.

O segundo nível, (relacional) centra-se nas relações sociais íntimas ou próximas, especialmente aquelas que estão estabelecidas com a família, os amigos, os pares, os parceiros íntimos e analisa a forma como essas relações aumentam o risco de vir a ser uma vítima ou um perpetrador da violência. Nesta linha de ideias, Cairns (1988) afirma que na adolescência, os amigos que se envolvem e estimulam a violência, influenciam profundamente. Também Baldry (2003) pesquisou o risco de se envolver em condutas

agressivas na escola, crianças que foram vítimas de maus –tratos na família, aumentando o risco de se tornar vítima-agressora na escola.

O terceiro nível (comunitário) analisa os contextos comunitários nos quais as relações sociais ocorrem: escolas, locais de trabalho, tipos de bairros onde reside, contexto de convívio informal, e procura identificar as características destes contextos que estão associados ao fato de a pessoa ser vítima ou perpetrador da violência.

O quarto nível (social) procura identificar os fatores sociais mais amplos, chegando na questão social incluindo as políticas econômicas, educacionais e sociais que podem contribuir para manter as desigualdades entre os grupos sociais, que criam um clima favorável ao encorajamento ou inibição da violência.

A violência, então, pode ser identificada nas escolas, resultante da combinação de diversos fatores e variáveis sociais e históricos. Esta multiplicidade de fatores significa que não existe uma regra única, tampouco uma teoria que permita sustentar soluções aos fenômenos violentos. Cada escola, sobre a violência e a realidade das ocorrências que se registram em cada estabelecimento de ensino, há de inventariar seu público e reconhecer a realidade local, ofertar dinâmicas alternativas, espaços adequados e minimizar as circunstâncias danosas no processo de desenvolvimento da criança e do adolescente no ambiente escolar.

2.1 A importância da vida afetiva

A primeira forma de violência sofrida por todo e qualquer ser humano é a falta de afeto. São os afetos e emoções, que permitem o desenvolvimento emocional expressando os desejos, sonhos, emoções e sentimentos. Estudos revelam que o ser humano reproduz naturalmente o sentimento recebido e apreendido.

Tanto a psicologia, quanto a psiquiatria admitem que os aspectos ligados à afetividade interferem na velocidade do desenvolvimento cognitivo e racional do indivíduo, orientando o comportamento e reproduzindo atitudes vivenciadas espontaneamente.

Marx, embora tenha sido um pensador das teorias materialistas, utilizando um método de análise socioeconômica sobre as relações de classe e conflito social, fazendo uma interpretação materialista do desenvolvimento histórico numa visão dialética de transformação social, afirmou “Que o homem se define no mundo objetivo não somente em pensamentos, senão com todos os sentidos. (...) Sentidos que se afirmam, com forças

essenciais humanas (...) Não só os cinco sentidos, mas os sentidos espirituais (amor, vontade...)”.

Embora os cientistas pesquisem sobre as teorias de acordo com a área de atuação ou interesse, praticamente a totalidade deles reafirmam que os aspectos emocionais ou dão causa ou são consequências para as questões da humanidade, como diz B. Sawaia: “O homem se afirma no mundo objetivo, não só no ato de pensar, mas com todos os sentidos, até com os sentidos mentais (vontade, amor e emoção)”.

A teoria da psicologia, de modo genérico que segundo Freud pode ter uma ambivalência, considera que o contato com o meio físico e social estimula os órgãos dos sentidos. Esses estímulos chegam à psique e lá recebem significações e reações; transformam-se inicialmente em respostas não externalizadas do psiquismo, posteriormente com a reação psíquica, estabelece se o estado afetivo é penoso ou agradável, vago ou qualificado. Essa tonalidade afetiva, ou ambivalência, que as coisas ganham no mundo interno caracterizam os chamados afetos (PIAGET, 1976).

Portanto, já é possível afirmar que a vida emocional é composta de dois afetos básicos e contraditórios: o amor e o ódio. Esses dois afetos estão sempre presentes na vida psíquica e também estão juntos em todas as expressões, ações e pensamentos, além das reações orgânicas que acompanham as emoções como: tremor, riso, choro, lágrimas, expressões faciais, raiva, que internamente são consideradas involuntárias. (KUPFER, 2003).

As reações emocionais, contudo, são aprendidas, ou seja, o organismo pode responder de diversas maneiras a uma situação, e a cultura pré-determina as formas mais adequadas a determinadas situações ou tipo de pessoa. (VYGOTSKY, 1989).

A teoria sócio histórica e cultural, ou sócio interacionista de Vygotsky (1989) postula uma dialética das interações com o outro e com o meio, como desencadeador do desenvolvimento sócio cognitivo. Para Vygotsky e seus colaboradores, o desenvolvimento é impulsionado pela linguagem. Eles acreditam que a estrutura dos estágios descrita por Piaget seja correta, porém diferem na concepção de sua dinâmica evolutiva. Enquanto Piaget defende que a estruturação do organismo precede o desenvolvimento, para Vygotsky é o próprio processo de aprendizagem que gera e promove o desenvolvimento das estruturas mentais superiores.

Isso significa dizer que as emoções interferem nas reações a partir das situações vivenciadas, ou mesmo assistidas, servindo de critério de valoração positiva ou negativa para

as situações da vida; elas preparam as ações, ou seja, as emoções participam ativamente da percepção das situações vividas e do planejamento racional das reações ao meio. Essa função que as emoções cumprem, na chamada teoria construtivista de Piaget, é caracterizado como função adaptativa.

Vygotsky vê o sujeito como um ser eminentemente social, na linha do pensamento marxista, e ao próprio conhecimento como um produto social. Ele sustenta que todos os processos psicológicos superiores (comunicação, linguagem, raciocínio, aprendizagem, etc.), são adquiridos no contexto social e depois se internalizam.

A vida afetiva, emoções e sentimentos somada as vivências, aos condicionamentos e a experiências, compõe o sujeito. As emoções e os sentimentos são como alimentos ao psiquismo e estão presentes em todas as manifestações da vida nas relações sociais.

Portanto, ao pensar na violência e suas manifestações no ambiente escolar, ou social, há de ser considerados os aspectos relacionados aos afetos recebidos.

2.2 *Bullying* – e as violências na escola

Violência é um comportamento que causa intencionalmente dano ou intimidação moral a outra pessoa. Tal comportamento pode invadir a autonomia, integridade física e psicológica e até mesmo a vida de outra pessoa. É o uso excessivo de força, além do necessário ou esperado

Para DADOUN (1998), existem várias formas de violência, sendo as mais frequentes no ambiente escola:

- **VIOLÊNCIA FÍSICA:** A violência física é o uso da força com objetivo de ferir deixando ou não marcas evidentes. São comuns murros, tapas e agressões. O comportamento agressivo em humanos pode ser definido em termos gerais com um comportamento hostil com intenção de infringir danos ou causar prejuízos a uma pessoa ou a um grupo;
- **VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA:** A violência psicológica ou agressão emocional, é tão ou mais prejudicial que a física, é caracterizada pela rejeição, humilhação, desrespeito. É o tipo de violência sem marcas, mas que muitas vezes deixa cicatrizes para uma vida inteira.

Existem várias formas de violência psicológica, como a mobilização emocional da vítima para satisfazer a necessidade de atenção e importância, ou como a agressão dissimulada, em que o agressor tenta fazer com que a vítima se sinta inferior, dependente e culpada.

E o *bullying*, que atualmente é considerado a forma de violência mais frequente entre alunos;

- **BULLYING:** Conforme, João Amado (2005), os atos de violência contra os pares, são classificados como jogo rude, um comportamento associal, sendo esta, nomeada de *bullying* e, por fim, é classificada como a consequência mais grave dos atos da violência interpessoal. Quando no referimos ao *bullying*, temos que especificar que estamos perante a vítimas, agressores, e /ou vítimas e agressores, já que tem motivações e vivências muito distintas.

Podem ser identificadas algumas consequências do *bullying* nas crianças e jovens vítimas, quer a nível de SINTOMAS FÍSICOS (dores de cabeça, problemas gastrointestinal e de garganta), a nível de SINTOMAS PSICOSSOMÁTICOS (irritabilidade, insônia, falta ou aumento de apetite, cansaço ou sono excessivo), como também nos ASPECTOS PSICOLÓGICOS (através de mudança abrupta de comportamento, tristeza, sentimento de solidão, infelicidade, baixa autoestima, depressão, ansiedade e maior risco de suicídio). (SEIXAS, 2005).

Esses jovens e crianças, vítimas de *bullying* apresentam uma constante em seus comportamentos, se apresentam mais isolados socialmente, passam mais tempo sozinhas na escola, têm baixo nível de popularidade e apresentam dificuldades de fazer amigos e como consequência passam a evitar a escola.

De acordo com Formosinho e Simões (2001), as medidas para o combate ao *bullying* deve partir de um olhar diferenciado dos profissionais implicados no processo escolar. E que a escola deveria ter uma equipe multiprofissional, atuando diretamente com os alunos.

Incluindo também, uma redefinição da política organizacional da escola, enunciando regras democráticas e normas explícitas, que consagrem o princípio do respeito pelos direitos de cada indivíduo.

Para Salmivalli e seus colaboradores (1996, 1998) identificam os seguintes papéis no *bullying*:

- VÍTIMA PASSIVA, neste papel geralmente encontram-se crianças ou adolescentes que se encontram socialmente isolados, sem amigos, e que apresentam baixa autoestima, problemas de saúde (sintomas psicossomáticos) e de saúde mental (sintomas depressivos, ansiedade, insegurança). Que apresentam também medo dos agressores com sensação de vulnerabilidade parecendo incapazes de se defender perante intimidação. Por vezes pertencem a famílias super protetoras;
- AGRESSOR, neste papel era frequente encontrar alunos do sexo masculino, dado este, que tem mudado relativamente nos últimos anos com a presença da figura feminina no papel de agressor. Geralmente o agressor também desempenha um papel de liderança perante um pequeno grupo de amigos, embora seja rejeitado pela maioria dos companheiros de classe, é dominador, tem dificuldades de cumprir normas e em relacionar-se com adultos.
Esse tipo de agressores tem geralmente uma boa autoestima e uma percepção de competência social construídas com base no domínio sobre os outros e no protagonismo social que as condutas agressivas lhe proporcionem;
- VITIMA/AGRESSORA, ou vítima provocadora, este papel remete para alunos que são simultaneamente vítimas e agressores, mas a sua agressividade é do tipo reativo, são irritantes, muito impulsivos, reagindo com agressão a qualquer tipo de provocação ou situação ambígua, são os mais impopulares e os mais rejeitados (mais que as vítimas passivas), alguns tem o diagnóstico de foro psiquiátrico (segundo a classificação do DSM-IV), e com alguma frequência, foram vítimas de maus- tratos na família. (COIE, 2004);
- AUXILIARES DAS VITIMAS, são os alunos que geralmente defendem as vítimas e vão em seu auxílio, chamando um adulto, confortando a vítima ou conversando com os agressores no sentido de os dissuadir ou intimidar, nesse papel é mais frequente encontrar alunos do sexo feminino, em geral, são alunos bastante populares e com muitos amigos, que exibem uma conduta pré-social.

Quadro 1: Relações entre a participação no *bullying* e o estatuto sociométrico.

Auxiliador da vítima	Popular (muitas preferências e nenhuma rejeição)
Não envolvido e/ou observador imparcial	Médio (mais preferências que rejeições)
Vítima/agressora	Rejeitado (muitas rejeições e nenhuma preferência)
Agressor	Controverso (duas ou três preferências e muitas rejeições)
Vítima passiva	Rejeitado ou isolado

Fonte: Martins 2007, p.57

2.3 A importância da família

A educação do homem existe por toda parte, muito mais do que a escola, é o resultado da ação de todo o meio sociocultural sobre os seus participantes. É o exercício de viver e conviver o que educa. E a escola de qualquer tipo é apenas um lugar e um momento provisórios onde isto pode acontecer. Portanto, é a comunidade quem responde pelo trabalho de fazer com que tudo o que pode ser vivido-e-aprendido da cultura seja ensinado com a vida e também com a aula - ao educando (BRANDÃO, 2007).

A família é indispensável à garantia da sobrevivência e da proteção integral dos filhos, independentemente da estrutura familiar, ou da forma como vêm se estruturando. É a família que propicia a construção dos laços afetivos e a satisfação das necessidades no desenvolvimento da pessoa. Ela desempenha um papel decisivo na socialização e na educação. É na família que são absorvidos os primeiros saberes, e onde se aprofundam os vínculos humanos. (KALOUSTIAN, 1988)

A família prevalece, portanto, na primeira educação, presidindo os processos fundamentais do desenvolvimento psíquico, e responsável pelo modelo que a criança terá em termos de conduta, desempenho de seus papéis sociais e das normas e valores culturais.

Kalina, Perel e Mariana (1987), colocam que os pais também controlam explicitamente o comportamento dos seus filhos, para que eles tenham um desempenho adequado em termos dos padrões sociais, sendo a família uma forte reprodutora das normas e valores sociais. Essa função confere-lhe um caráter conservador, já que ela está aí para manter e não para transformar a sociedade.

Contudo, há de se considerar que a mudança ocorrida na estrutura, na organização e nos padrões familiares, nas últimas décadas, alterou as expectativas e os papéis de seus membros gradativamente, afetando as relações, a interação e o cotidiano das famílias.

A família, muitas vezes, tem deixado de ser modelo referencial e responsável pela formação de valores, gerando as controvérsias diante das responsabilidades pedagógicas da educação/formação entre escola e família. Cada uma têm suas especificidades, embora não sejam instituições completamente independentes ao processo de educação, respeitando certamente as fronteiras institucionais, ou seja, o domínio do objeto que as sustenta como instituições.

A questão da violência interpessoal entre alunos é uma tônica nas escolas brasileiras, razão que motivou essa pesquisa na Escola de ensino Fundamental Joao Matias, no município de Araranguá/SC.

3 A VIOLÊNCIA INTERPESSOAL ENTRE ALUNOS DO QUINTO ANO DA ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL JOÃO MATIAS

Em relação aos procedimentos metodológicos desta pesquisa, podemos classifica-la quanta a natureza como aplicada. Para Mascarenhas (2012, p.47) “usamos a pesquisa aplicada para estudar o problema em um contexto, buscando soluções para os desafios enfrentados nesse ambiente específico”.

A pesquisa foi realizada com 24 alunos do 5º (quinto) ano da Escola de Ensino Fundamental João Matias, da cidade de Araranguá, Santa Catarina em novembro do ano de 2015, com adolescentes na faixa etária entre 11 e 15 anos, sendo 14 do sexo feminino e 10 do sexo masculino.

Seguindo as regras básicas da pesquisa, num estudo exploratório, foi aplicado um questionário com 10 questões, elaborado especificamente para esse fim, com perguntas abertas e fechadas relativas aos aspectos presentes no ambiente escolar, que pudesse evidenciar indicadores de violência.

Certamente, a finalidade dessa pesquisa não é o aprofundamento sobre o assunto das expressões da violência interpessoal no contexto escolar, mas, iniciar reflexões a partir de ocorrências reiteradas neste universo escolar, cujos dados ocorreram por amostragem, especificamente no 5º (quinto) ano da Escola, a partir das 10 questões seguintes: 1. Existe violência na sua escola, 2. Considera mais grave como violência na escola: Violência física; Violência verbal; *Bullying*; Furto; Vandalismo; Preconceito; Uso de drogas ou Outro 3. O maior responsável pela violência na escola, considerando os colegas, os pais, a própria escola ou outro; 4 causas que mais geram violência na escola, do ponto de vista dos alunos,

enumerando as mais evidentes; 5 Assistiu alguma cena de violência na escola. 6. Quanto a violência ser mais comum entre meninos ou meninas, na Escola pesquisada; 7. Com que idade inicia a violência na escola. 8. Qual a reação ao presenciar alguma cena chocante de violência na escola. 9 Qual a melhor atitude para diminuir a violência na escola. 10 sugestões para solucionar as questões de violência nas escolas.

3.1 Quanto a violência na escola pesquisada

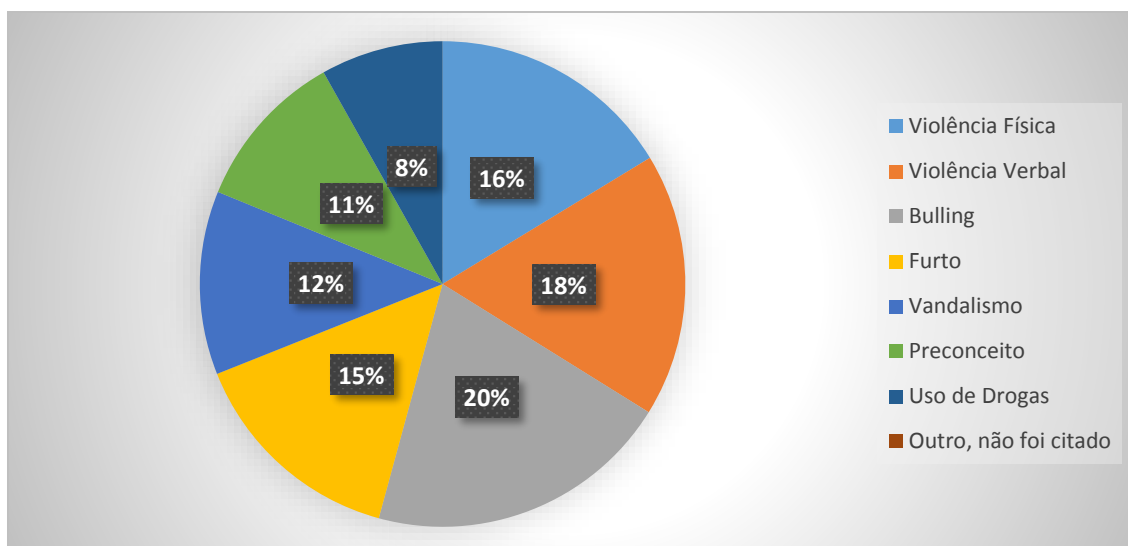
A pergunta central foi se existe violência na sua escola e dos 24 (vinte e quatro) entrevistados 100% dos alunos responderam que existe violência na escola. Este dado, por si só, sinaliza para o importante papel que os próprios alunos podem assumir diante da questão, considerando que eles praticam e identificam a violência nas relações possibilitando um investigar mais sobre esse processo e estabelecer um canal de comunicação entre a família e a escola, analisando suas influências, intersecções e interações.

É na escola, assim como na família que a criança vai aprendendo a estabelecer as relações do poder e submissão que regem nossa sociedade. É na escola que a criança começa a ser classificada. (LANE E CODO, 1984).

3.2 Tipos de violência na escola

Perguntado o que consideravam mais grave como violência na escola foi proposto enumerar por ordem de gravidade: a violência física; violência verbal; *bullying*; furto; vandalismo; preconceito; uso de drogas ou outro e o *bullying* foi o primeiro a ser citado pelos alunos com 20% das respostas, seguido pela violência verbal (18%), vandalismo e violência física (16%), furto (15%), o preconceito (11%) e em último lugar foi citado a questão das drogas (8%).

Gráfico 1- Tipo de Violência na Escola



Fonte: Trabalho produzido pela acadêmica, 2015.

De todo o rol de violências praticadas na modernidade, o *Bulling* é um dos mais discutidos e foi considerado pelos alunos a mais grave forma de violência apresentada no contexto escolar pesquisado, apontado por 14 alunos dos 24 entrevistados, totalizando 65%.

Estudos do americano Dan Olweus (1995-1999) e outros evidenciam que alunos mais novos se envolvem mais em situações de *bullying*, do que alunos mais velhos (OLWEUS, 1995, 1996, 1997, 1999).

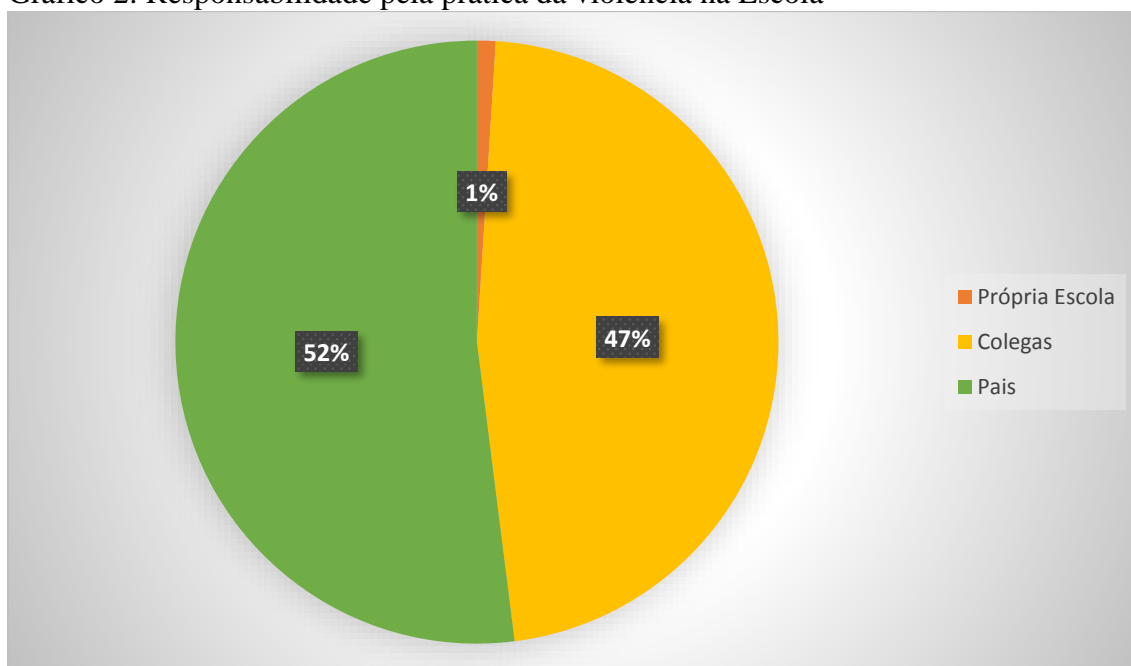
Os recreios e os espaços que circulam a escola são em geral, os locais onde é mais frequente ocorrer as manifestações de violência, exatamente quando estão sem orientadores pedagógicos. E este fenômeno da violência entre pares, violência interpessoal, segundo Smith & Brain (2002) tem um caráter transacional e transcultural a medida que surge em quase todas as escolas.

A literatura tem revelado que este tipo de fenômeno apresenta também um caráter grupal, em que é possível identificar vítimas, agressores, vítimas/agressores (também designadas por vítimas provocadoras e observadores, cujo papel pode variar do apoio aos agressores, até a ajuda à vítima, passando pela indiferença e menos frequentemente pela ignorância das ocorrências. (Craig & Pepler, 2000, Salmivalli et al, 1996, 1998).

3.3 Responsabilidade pela violência

A questão proposta foi sobre de quem seria o maior responsável pela violência que ocorre na escola, considerando os colegas, os pais, a própria escola ou outro fator externo. E a maioria dos entrevistados responderam que são os pais (52%), seguidos dos colegas (47%) e uma minoria atribui a própria escola (1%).

Gráfico 2: Responsabilidade pela prática da violência na Escola



Fonte: Trabalho produzido pela acadêmica, 2015.

Considerando que os alunos do 5º ano, ao serem indagados sobre de quem é a culpabilidade de iniciar ou manifestar a violência, identificam como sendo os próprios responsáveis é preciso considerar que a escola sendo um lugar privilegiado para refletir sobre as questões que envolvem crianças e jovens, pais e filhos, educadores e educandos, e todas as demais relações que se dão na sociedade urge atenção especial.

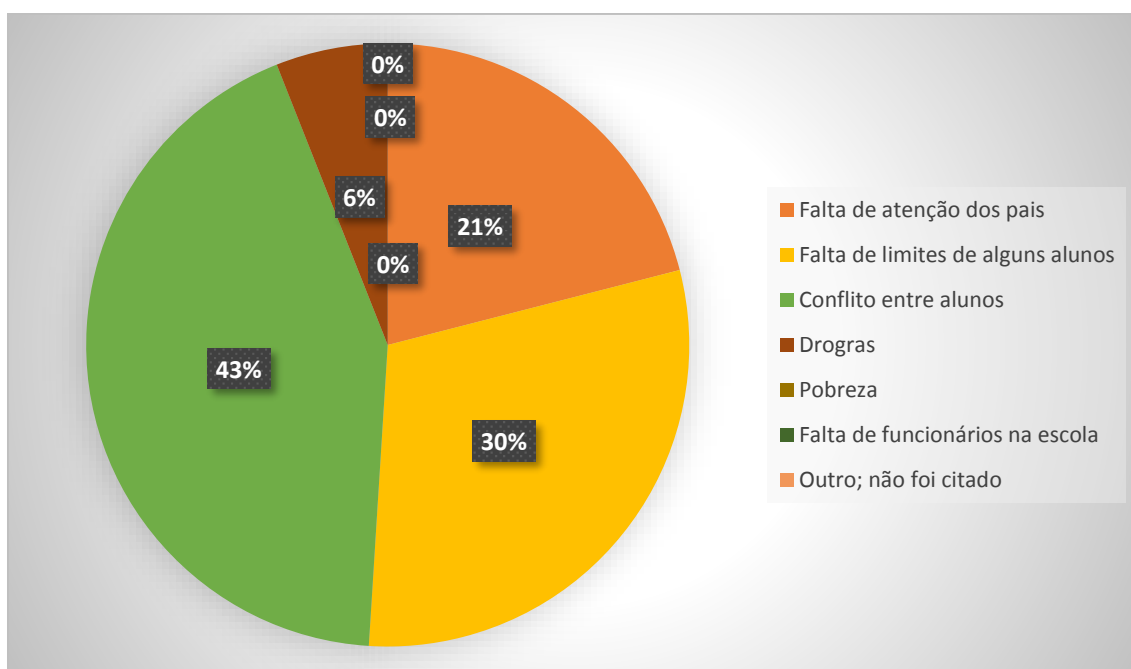
Njaine, Minayo (2003) em estudos realizados sobre “Violência na escola: identificando pistas para a prevenção” aponta que cabe à instituição escolar refletir e discutir temas que afligem a humanidade em seu cotidiano, dentre os quais se destacam a violência, suas formas de prevenção e as possíveis repercussões no desenvolvimento da criança e do adolescente. Essa responsabilidade social se deve, em parte, ao reconhecimento de que a esfera de convivência repercute diretamente na socialização infanto-juvenil, além de ser,

juntamente com a família, espaço crucial para defesa dos direitos humanos (NJAINÉ, MINAYO, 2003).

3.4 Causas que geram a violência

Diante da questão para identificar as causas que mais geram violência na escola, do ponto de vista dos alunos, enumerando as mais evidentes, apontam a maior causa o conflito entre alunos com 43%, seguido pela falta de limites de alguns alunos com 30%, falta de atenção dos pais com 21% e drogas aparece com 6%. Os demais quesitos não foram apontados como causas geradoras da violência na escola.

Gráfico 3 Causas que geram a violência



Fonte: Trabalho produzido pela acadêmica, 2015.

Segundo Aquino (1996), “há muito, os conflitos deixaram de ser um evento esporádico e particular no cotidiano das escolas brasileiras para se tornarem, talvez, um dos maiores obstáculos pedagógicos dos dias atuais”.

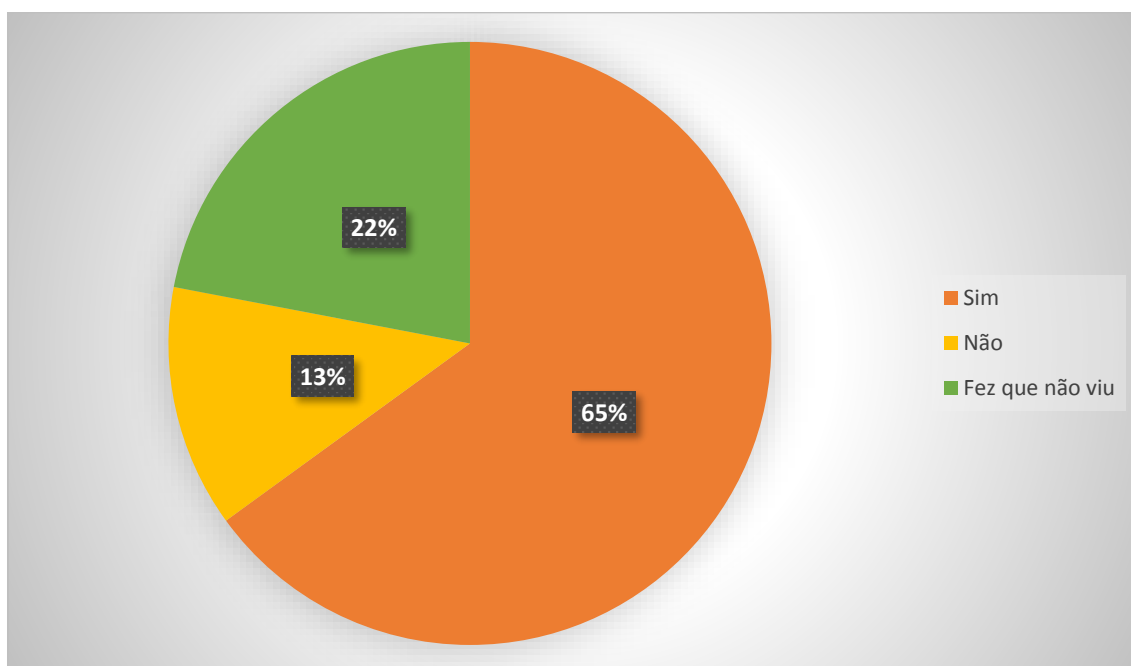
A violência na escola começou a chamar a atenção dos pesquisadores e em 1998, a UNESCO através da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI publicou um relatório sobre o assunto.

É indiscutível a importância de um ambiente escolar propício, que favoreça a convivência harmoniosa entre seus sujeitos, seja para a promoção da aprendizagem, o principal objetivo da escola, seja para a formação do aluno de modo geral e o bem estar de todos. Entretanto, a qualidade deste convívio vem sendo questionada, cada vez mais, na medida que a dificuldade na relação entre os alunos se refere à briga por espaço, poder, status, tudo consequência da questão social.

3.5 Cenas de violência na presença de alunos

A questão se assistiu alguma cena de violência na escola, obteve a maioria das respostas que sim (65%) seguido por 22% fazendo que não viu, e a minoria (13%) não presenciou nenhuma cena que considerasse violência.

Gráfico 4- Cenas de Violência na Escola



Fonte: Trabalho produzido pela acadêmica, 2015.

A violência na escola acompanha o processo histórico, social, econômico e político; 1980 também foi palco do processo de democratização e universalização do acesso à escola e o fenômeno da violência tornou-se visível neste mesmo contexto, no Brasil. A escola precisava ser “protegida” de elementos estranhos, os moradores dos bairros

periféricos, atribuindo a eles a condição de marginais e delinquentes, autores de ações de depredação do patrimônio público representado pelas unidades escolares (SPOSITO, 2001).

Apenas na década de 1990, a violência escolar passou a ser observada nas interações dos próprios alunos. Embora os atos de vandalismo continuassem presentes, acentuaram-se as práticas de agressões interpessoais, sobretudo as agressões verbais e ameaças entre o público estudantil. (SPOSITO, 2001).

Além da observação no ambiente escolar propriamente dito, o contexto de violência onde se localiza a escola também passou a ser identificado pela bibliografia, atribuindo uma influência sobre a vida escolar. Nestes bairros violentos, as práticas de incivildades, tais como brigas, agressões físicas e verbais também confirmavam a teoria (CARDIA, 1997 *apud* SPOSITO, 2001).

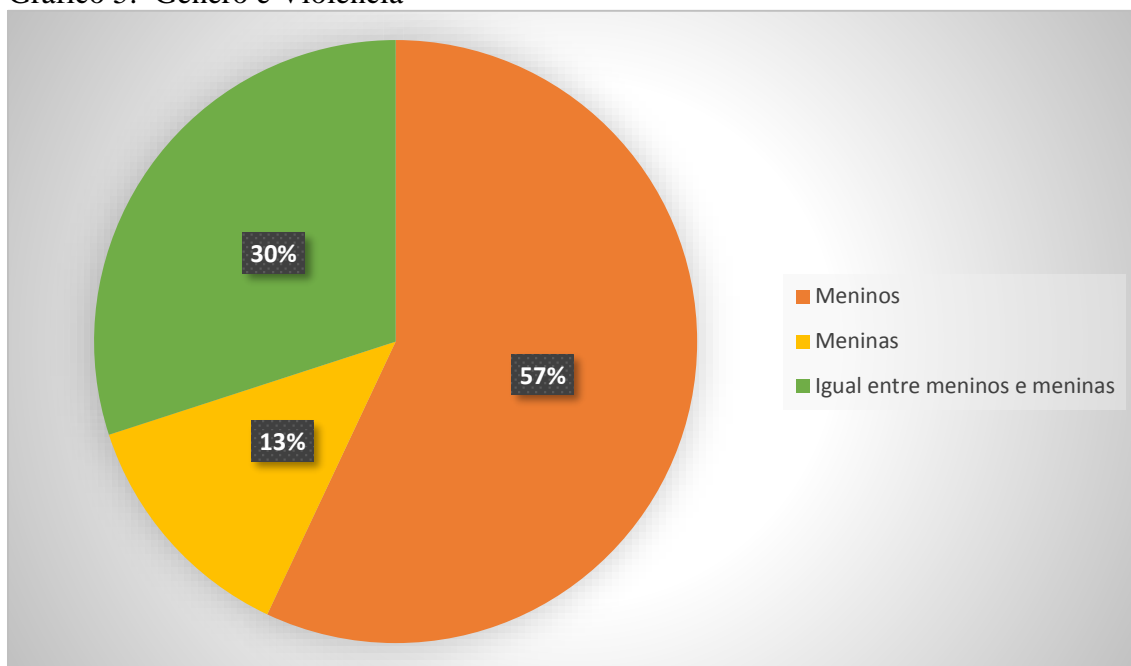
Juliana Aparecida Zechi (2007 *apud* OLIVEIRA, 2009) analisou artigos publicados em revistas científicas entre os anos de 1990 e 2003 e teses na área da Educação entre 2000 e 2005 e concluiu que a violência em meio escolar vinha sendo estudada tanto como um reflexo da violência social como um fenômeno nascido na escola e decorrente de práticas escolares inadequadas.

Os estudos Zechi (2007) ressaltam a necessidade de se preparar melhor os profissionais da educação para lidar com os conflitos, além da precisão de se realizar mudanças nas práticas escolares e nos currículos, devendo iniciar-se nos próprios cursos de formação de professores.

3.6. A violência ser mais comum entre meninos ou meninas, na Escola pesquisada

A maioria das violências apontadas pelos entrevistados ocorrem entre os meninos.

Gráfico 5: Gênero e Violência



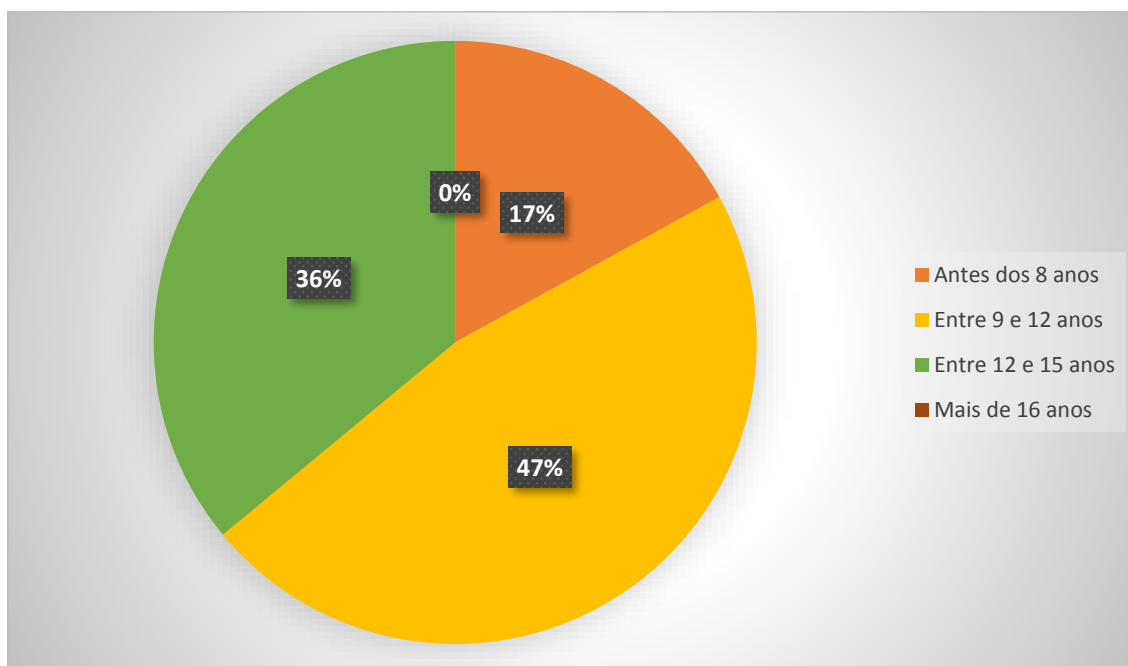
Fonte: Trabalho produzido pela acadêmica, 2015.

Alguns autores como Crick (1997), Schafer e Wernes, (2002) tem sugerido que a agressão se manifesta de forma diferenciada consoante o gênero, pois em suas pesquisas obtiverem evidências de que os alunos do sexo feminino se envolvem mais em situações de bullying indireto e relacional; esta prática inclui excluir alguém dos grupos de pares, espalhar boatos sobre os atributos dos colegas com vista a destruir a sua reputação, e de um modo geral manipular a vida social dos colegas, exercendo o papel de vítimas ou de agressores, contrariamente ao sexo masculino que são mais propensos ao *bullying* físico e direto. (CRICK, 1997; SCHAFFER, At al, 2002)

3.7 A violência relacionada com a idade

Considerando a opinião do estudante, a violência na escola começa a se manifestar a partir 12 anos (36%), seguida pela faixa etária de 9 e 12 anos (47%) e 8 anos (17%); aos 16 anos nenhum entrevistados apontou.

Gráfico 6- Idade e Violência



Fonte: Trabalho produzido pela acadêmica, 2015.

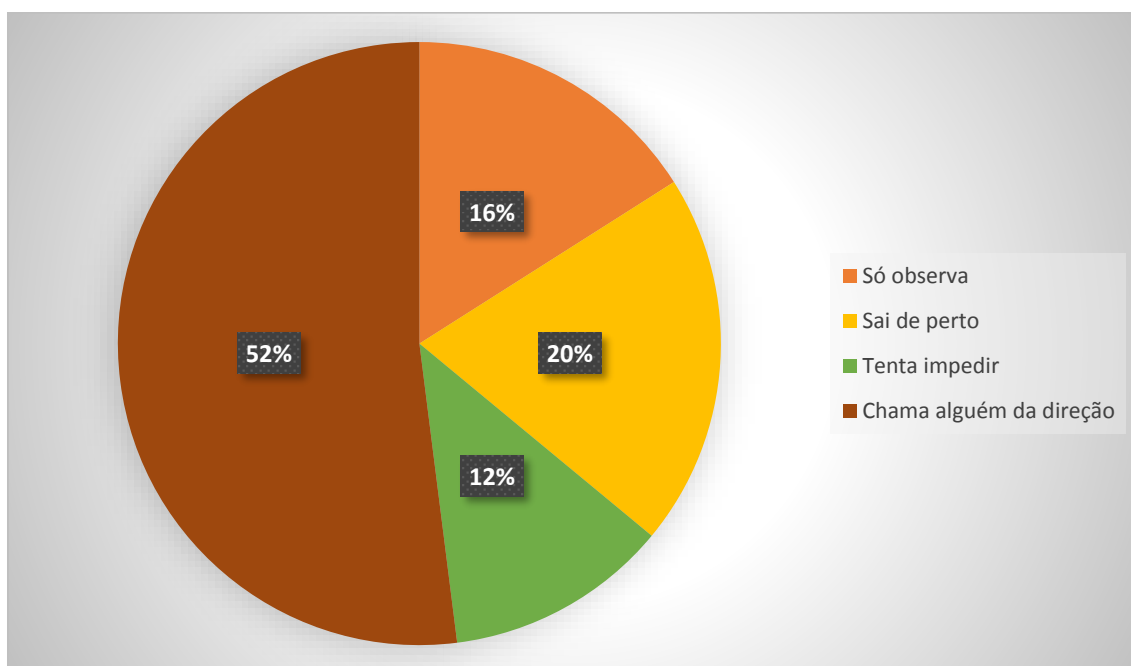
A faixa etária que predominou no universo pesquisado, foi entre 11 anos até 15 anos.

O *bullying*, considerado nesta pesquisa a violência com maior índice, é um dos vilões da adolescência, que envolve, segundo pesquisas nacionais, quase 30% dos estudantes brasileiros; seja praticando ou sofrendo a violência caracterizada por agressões verbais ou físicas, intencionais, aplicadas repetidamente contra uma pessoa ou um grupo. Mas a grande maioria desse total, 20,8%, é formada por agressores. Ou seja, um em cada cinco jovens na faixa dos 13 aos 15 anos pratica *bullying* contra colegas no Brasil. O índice é destaque da Pesquisa Nacional de Saúde Escolar (PeNSE) 2012, divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2013).

3.8. Reação diante da violência

A questão proposta foi qual a reação ao presenciar alguma cena chocante de violência na escola? 52% chama alguém da direção, seguido por 20% que sair de perto, 16% só observa e apenas 12% tenta impedir a violência.

Gráfico 7- Reação dos alunos diante da violência



Fonte: Trabalho produzido pela acadêmica, 2015.

Este estudo não aprofundou as concepções abrangentes de violência, da força ou intimidação e do *bullying*, mas, quer refletir sobre aspectos culturais locais do fenômeno.

Essa violência juvenil tem sua ocorrência expressa na intersecção de muitas variáveis independentes: a escola e família, o social amplo como a questão de gênero, cor, emprego, religião, escolaridade dos pais, status socioeconômico, entre outros e o comportamental que trata das emoções e afetividade geradores das atitudes e opiniões.

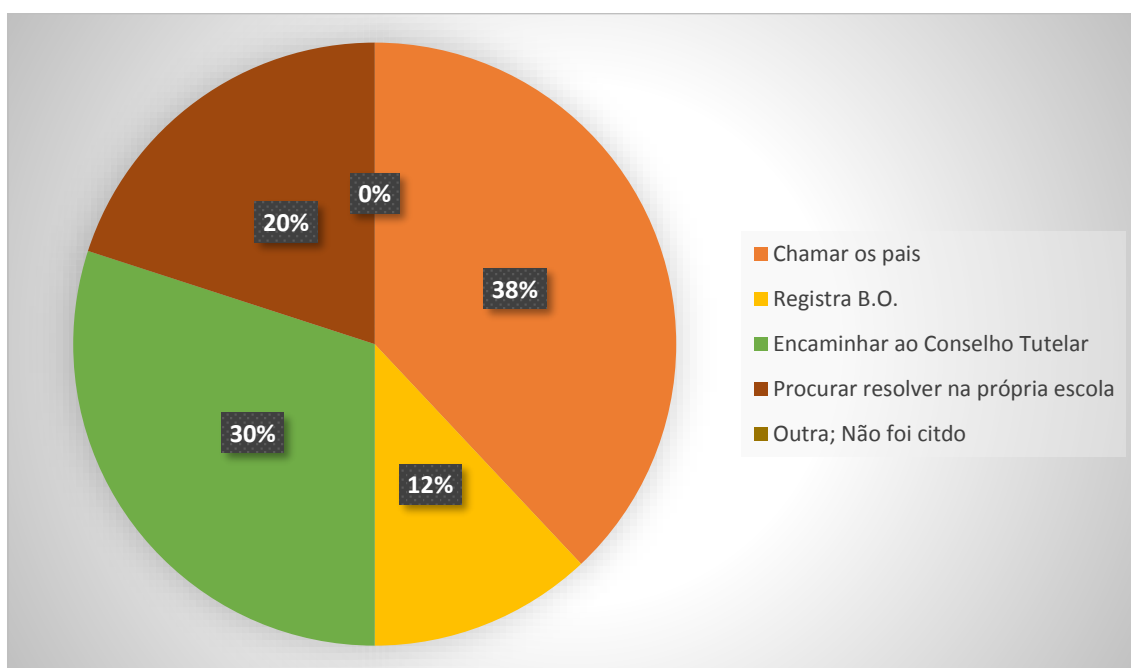
O bom ambiente pedagógico estimula melhor para a aprendizagem e o processo educativo como um todo. Por isso mesmo, superar as violências nas escolas é um desejo de todos requerendo firmeza e altivez pedagógica.

O estudo demonstrou o quanto os alunos ainda acreditam e confiam na hierarquia das instituições, pois 52% dos entrevistados colocam como a melhor atitude a ser tomada diante de uma cena chocante de violência escolar, seria a de chamar alguém da direção.

3.9 Atitude

A pesquisa inquiriu qual a melhor atitude para diminuir a violência na escola e 38% dos entrevistados apontam como chamar os pais é a melhor solução. Encaminhar ao Conselho Tutelar é a alternativa para 30%, seguido por tentar resolver na própria escola (20%) e um pequeno percentual (12%) dos entrevistados aponta que registrar um boletim de ocorrência (BO) numa delegacia seria a melhor solução.

Gráfico 8: Atitudes diante da Violência



Fonte: Trabalho produzido pela acadêmica, 2015.

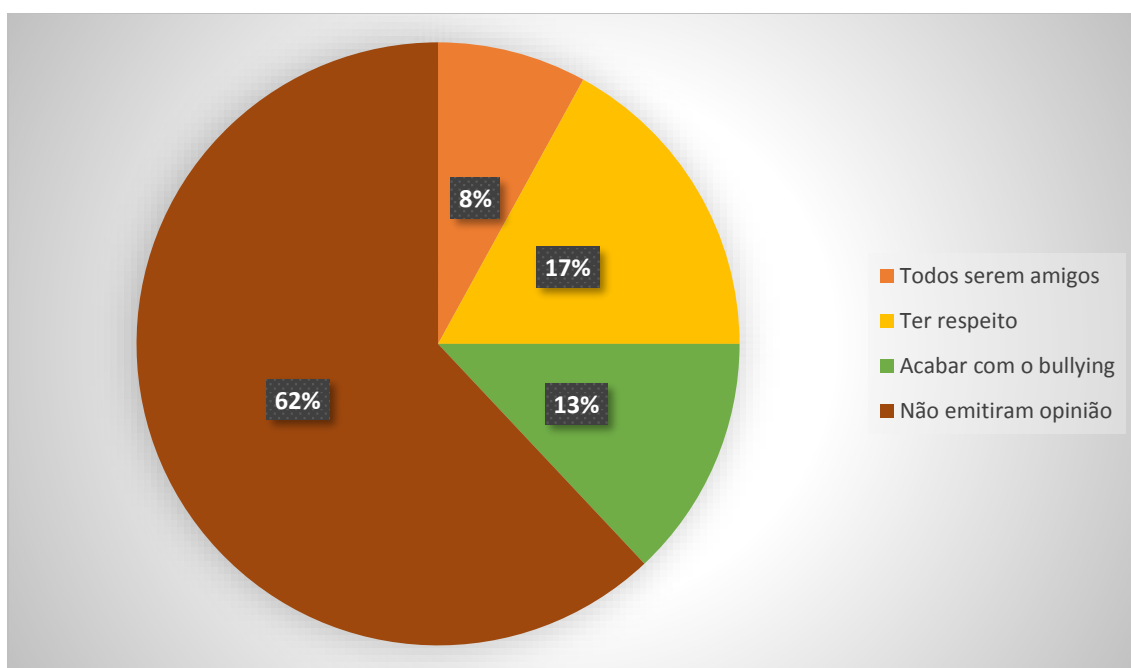
O Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA Lei 8.069/90), no Art. 98 do ECA aponta a responsabilidade dos pais nas medidas de proteção (BRASIL, 1990). Isso significa que está na família, especificamente nos pais ou nos cuidadores ou responsáveis o cuidado e a influência total na formação da criança/adolescente.

A escola dispõe de mecanismos de acompanhamento e formação pedagógica capazes de estabelecer as regras e as responsabilidades de cada um. É através de um Regimento Interno construído em conjunto, que a escola pode constituir nas minúcias e particularidades as construções de comunicação e de responsabilidades entre famílias e estudantes cujas normas de gestão e convivência atendam aos princípios dos direitos e responsabilidades constitucionais e de solidariedade, ética, pluralidade cultural nas relações interpessoais entre escola/violência/estudantes.

3.10 Sugestões para a redução da violência

Os entrevistados foram provocados para dar sugestão capazes de solucionar as questões de violência nas escolas e a maioria preferiu não emitir opinião.

Gráfico 9 – Sugestões para redução da violência



Fonte: Trabalho produzido pela acadêmica, 2015.

A educação existe entre sujeitos que convivem desde sempre. Em se tratando da modernidade, a educação é um ato indispensável e obrigatório desempenhado por muitos, especialmente a família e a escola.

Educar é tão complexo que é indissociável da formação moral e ética do ser, em toda a trajetória do desenvolvimento integral.

A Educação, entendida como o processo de formação humana, atua sobre os meios para a reprodução da vida – e essa é sua dimensão mais visível e prática –, bem como coopera para estender a aptidão do homem para olhar, perceber e compreender as coisas, para se reconhecer na percepção do outro, constituir sua própria identidade, distinguir as semelhanças e diferenças entre si e o mundo das coisas, entre si e outros sujeitos. A Educação envolve todo esse instrumental de formas de percepção do mundo, de comunicação e de intercomunicação, de autoconhecimento, e de conhecimento das necessidades humanas. E propõe-se a prover as formas de superação dessas necessidades, sejam elas materiais ou psíquicas, de superação ou de reconhecimento de limites, de expansão do prazer e outras. Educar requer o preparo eficiente dos educandos para que se capacitem,

intelectual e materialmente, para acionar, julgar e usufruir esse complexo de experiências com o mundo da vida. Esta é uma responsabilidade a ser atribuída ao Educador. (RODRIGUES, 2001, p. 243)

Sem dúvida, violência e afetividade são elementos essenciais no processo de formação e inter-relação entre os alunos; estar ou não aborrecido, presenciar ou não a violência, ficar ou não indiferente ou frustrado são fatores importantes a serem considerados na aprendizagem favorecendo a intervenção dos professores, quando necessário.

4. CONCLUSÃO

A problemática da violência nas escolas, reconhecendo especialmente a percepção de alunos em uma unidade escolar tem explicações ligadas a psicologia, à sociologia, ao culturalismo e a toda ordem de compreensão considerando a modernidade, a dinâmica de vida das famílias e mesmo as formas diversificadas de composição familiar.

Além disso, a violência nas escolas faz parte do contexto dos grandes centros até as cidadelas do interior. A problemática exige reflexões que aqui são apresentadas nesta pequena pesquisa que aborda a Violência na Escola e quem percebe isso? A escola, alvo dessa pesquisa, representa um universo muito pequeno para gerar conclusões definitivas. Os princípios desse estudo estão na tentativa de analisar a violência e pensar alternativas condizentes com a realidade, mormente no contexto da Escola de Ensino Fundamental João Matias no município de Araranguá.

A questão da violência no século XXI ganhou muito destaque. Não que no século XX não tenha existido, mas, porque na atualidade, a mídia, os meios de comunicação em massa aceleram a divulgação e cresce a ênfase conferida a violência. Razão que mesmo as pequenas escolas como a Escola de Ensino Fundamental João Matias no município de Araranguá ganha a mesma configuração das cidades maiores e, de certa forma, naturalizando a questão diante do entendimento das crianças ou dos alunos de modo geral. Essa é uma discussão, entretanto, que precisa ser realizada dentro do ambiente escolar para um aprofundamento dos estudos de casos acerca da alternativas efetivas de enfrentar os problemas cotidianos.

A questão da violência, seja na vida cotidiana, seja a escolar desperta o interesse dos estudiosos provocando reflexões acerca da responsabilidade ou do papel da escola e da família. Esta singela pesquisa buscou entrevistar estudantes do quinto ano e perceber a visão de cada um sobre as manifestações violentas no ambiente escolar e suas reações. A análise

das respostas permitiu que a pesquisadora proponha alternativas de reflexões com professores e gestores da escola.

É consenso entre os professores e alunos que a violência escolar é profundamente preocupante. E seria muito bom conhecer as prováveis causas que geram tão danosas consequências na história da escola e de cada aluno.

Pensar numa educação de qualidade significa encontrar alternativas de priorizar a qualidade de ensino, mas, acima de tudo, o bem estar do aluno somado à formação ética e cultural que faz de cada criança um futuro adulto na sociedade e dali por diante no processo de amadurecimento de cada um.

A violência é um fenômeno social, específico e histórico, mas perturba a paz e a rotina das escolas diariamente. Mesmo que suas raízes e formas sejam identificadas nas relações interpessoais, as marcas que cada um carrega, a história explícita ou sutil de cada um levam as reações múltiplas e muitas vezes inesperadas ou reativas, das formas dolorosas de violência, trazendo consequências danosas no âmbito pessoal, escolar e familiar.

A grande maioria dos alunos presenciou a violência na escola e identificou o conflito entre alunos entretanto, a maioria raramente se envolve com agressões físicas, pois quase a totalidade afirma ser o *bullying* o tipo de ocorrência maior, principalmente pelos jovens entre 11 e 15 anos. Isso significa que a violência psicológica compõe a base das violências e que os dramas que guardam intimamente transformam-se em outros momentos em raivas e reações inesperadas de violência física. Além disso, a pesquisa indicou que os alunos, ao assistirem a violência, não querem se envolver e acabam não se posicionando no sentido de evitar ou impedir que os colegas pratiquem.

Certamente, se a pesquisa fosse feita junto aos professores, as agressões verbais, como insultos, exposição ao ridículo com apelidos, difamação, rejeição e isolamento e mesmo violência física, especialmente no recreio, estaria em primeiro lugar. Contudo, há de ser respeitado a percepção dos alunos nas entrevistas e respostas. Isso pode significar que a violência é relativa e a forma de manifestação pode variar muito; e de concepção também.

Enfim, a violência na escola, a afetividade, a participação dos pais, o meio ambiente e a própria conjuntura social estão entrelaçados com a responsabilidade histórica de provocar o desenvolvimento do sujeito em todos os seus aspectos globais.

Abstract: This study aimed to identify how to express interpersonal violence among fifth graders of Elementary School João Matias municipality of Ararangua, Santa Catarina. Considering that the issue is the subject of much concern within the current school environment. Students exhibit behavior and aggressive attitudes injuring both physical integrity, and psychological students and teachers, to historical records since the 1950s in the United States. The first Brazilian studies emerged in the 1970s, when seeking explanations for the growth of violence and crimes, which modified the focus in the 1980s, emphasized against property, especially by depredations and graffiti. In the 1990s, emerged interpersonal aggression, especially among students, when evidence indicated that much of the unruly and aggressive behavior are related to family and environmental issues in a diverse context of interpersonal exchanges, whose education references, values and habits are confronted continually getting very expressive today at school.

Key-Words: Violence, School, Family.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam (coord), CUNHA, Anna Lúcia, CALAF, Priscilla Pinto. **Revelando tramas, descobrindo segredos: violência e convívio nas escolas**. 2. ed. Brasília: Secretaria de Estado da Educação do Distrito Federal – SEEDF, 2010.

AMADO, J. (2005). Contextos e Formas da Violência Escolar. Separata Revista Portuguesa de História, Universidade de Coimbra, Instituto de História Económica e Social, t XXXVII, pp 299-319.

ANTUNES, Celso. **Alfabetização Emocional: novas estratégias**. Petrópolis: Vozes, 1999.

AQUINO, Julio Groppa (organizador). **Indisciplina na escola – alternativas teóricas e práticas**, 4. Ed. São Paulo: Summus Editorial, 1996.

BALDRY, A. (2003) Bullying in schools and exposure to domestic violence, Child Abuse & Neglect. 27-713-732.
<http://www.buscalegis.ufsc.br/revistas/files/anexos/32861-40838-1-PB.pdf> Acesso em 05 de Jan de 2016.

BELL, J. **Como Realizar um Projeto de Investigação: um guia para a pesquisa em ciências sociais e da educação**. Lisboa: Gradativa. 1997.

BRANDÃO, C. R. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

CABAÇO, J. **Os espaços desportivos de lazer e recreação e a prevenção da delinquência**. Comunicação apresentada no congresso Europa Desporto para Todos. 1992.

CRICK, 1997; Schafer, Wernes, 2002.

CURY, A. J. **Pais brilhantes, professores fascinante**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

DELORS, J.S (ORG). **Educação: Um tesouro a descobrir**. Ed. São Paulo: Cortez: Brasília, DF: MEC: UNESCO, 2003.

DESSEN, M. A.; POLONIA, A. da C. **A Família e a Escola como contextos de desenvolvimento humano**. Paidéia, v. 17, n. 36, p.21-32, 2007.

DIAS, M. B. **Manual de direito das famílias**. 4. ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2007.

ENGUITA, F. M. **Educar em Tempos Incertos**. Trad. Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2004.

FREIRE, Madalena. **História que começa**. IN: cadernos de pesquisa. (56), fevereiro 1986.

FORMOSINHO, M.D., & Simões, M.C.T (2.001) .O Bullying na Escola: Prevalência Contextos e Efeitos. Revista Portuguesa de Pedagogia.

GIL, A. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo, Editora Atlas. 1999.

IBGE – 2013. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. <http://veja.abril.com.br/noticia/educacao/um-em-cada-cinco-adolescentes-pratica-bullying-no-brasil>, acessado em 07 fev 2016.

KALINA, E.e PEREL, Mariana. **Violências: enfoque circular**. Trad. Reinaldo Guarany. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1.987.

KALOUSTIAN S.M. **Família brasileira, a base de tudo**. São Paulo:Cortez;1988

KUPFER, M. C. M. **Afetividade e cognição: uma dicotomia em discussão**. In: ARANTES, V. A. (org.) *Afetividade na escola: teorias e práticas alternativas*. São Paulo: Summus, 2003.

LANE, S. T. M., & Codo, W. (Orgs.). **Psicologia Social: o homem em movimento**, 1984.

LAPASSADE. **Grupos, organizações e instituições**. Rio de Janeiro, F. Alves, 1.977.

MASCARENHAS, S. A. **Metodologia Científica**. São Paulo: Pearson, 2012. 124 p.

MATTAR, F.N (1996). **Pesquisa de Marketing**. Ed. Atlas: São Paulo.

Martins, M. J. D. (2007). **Violência interpessoal e maus tratos entre pares, em contexto escolar**. Revista de Educação, XV(2), 51-78. (Disponível em <http://revista.educ.fc.ul.pt/> - acesso em 02 janeiro de 2016).

NJAINÉ, K.; MINAYO, M. C. S. **Violência na escola: identificando pistas para a prevenção**. *Revista Interface: Comunicação, Saúde, Educação*, v.7, n.13, p.119-134, 2003. <http://www.scielo.br/scielo.php?> Acessado em:07 fev 2016.

NETO, Lopes Aramis A. **Bullying: comportamento agressivo entre estudantes**. J. Pediatra. (Rio de J.). Porto Alegre, v.81, n. 5, 2005. Disponível em:

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S002175572005000700006&lng=pt &nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S002175572005000700006&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt) . Acesso em: 12 de fevereiro de 2016.

NUNES, M.F.R, ABRAMOVAY, M. **Escolas inovadoras: experiências bem sucedidas em escolas públicas**. Brasília: Unesco; fundação W.K. Kellogg; Unirio,2003.

OLIVEIRA, Adriana Dias de. Violência escolar: Verso e reverso das sociabilidades contemporâneas. Dissertação de Mestrado. Departamento Ciências Sociais. PUC-SP, 2009

OLWEUS, D. 1999. Norway, In P. Smith, Y.morita. J. Junger-tas. London Routledge IN: Pereira, B. (2002). **Para uma escola sem violência: Estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças**. Porto: Fundação Calouste Gulbenkian/ Acessado em 07 fev 2016. <http://www.eses.pt/interaccoes>.

OMS (Organização Mundial de Saúde) (2002). Disponível em <http://www.who.int/publications/en/> Extraído da World Wid Web a 26 de dezembro de 2015.

PEREIRA, B. **Para uma Escola sem Violência: Estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e Tecnologia, 2002.

PIAGET, J. **Seis Estudos de Psicologia**. Rio de Janeiro: Forense, 1976.

POLATO, Amanda. Violência é produzida na escola sim. Revista Nova Escola. Disponível em 12 de fevereiro de 2016.

RAMIREZ, F. (2001) **Condutas Agressivas na Idade Escolar**. Amadora: Mc Graw- Hill.

RAMBOW. Vanessa. Violência: um olhar voltado para a escola. X Salão de Iniciação Científica PUCRS. UNISINOS, RS. Acesso em 12 de fevereiro de 2016.

SCHARFETTER, C. (2001) **Introdução a Psicopatologia geral**. Lisboa: Climepsi Editores.

SEIXAS, S. (2.005). Bullying: Incidência do Fenômeno em Alunos do Terceiro Ciclo da Zona da Grande Lisboa. Revista ESES, 12, pp 69-80.

SPOSITO, Marília Pontes. **Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil**. São Paulo, Educação e Pesquisa, v. 27, n. 1, p.85-103, 2001

TAVARES DOS SANTOS, José Vicente. A violência na escola: conflitualidade social ações civilizatórias. Educação e Pesquisa, v.27, n.1, p.105-122, São Paulo, 2001.

UNICEF - **O Direito de Aprender: Potencializar avanços e reduzir desigualdades - coordenação geral** Maria de Saete Silva e Pedro Ivo Alcântara. – Brasília, DF: UNICEF, 2009.

VYGOTSKY, Lev. S. **A formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.